

MORTE POR ESTAGNAÇÃO: A RECEPÇÃO CRÍTICA À OBRA DE CASTRO ALVES

Mestre.Valeria Lessa Mota¹ (UESB)

Há referências na historiografia literária brasileira à bibliografia sobre Castro Alves como problemática. Observa-se que críticos de orientações teóricas diversas ratificam ou refutam pareceres, e, embora apontem a existência de um problema na recepção crítica ao poeta, este é, geralmente, registrado em notas bibliográficas ou secundariamente no corpo dos textos. A partir de uma revisão sumariada dessa crítica de 1930 a 1990, delinea-se aspectos desse problema, relacionando-os às concepções críticas que orientaram as leituras. Verifica-se que Castro Alves configura-se como problema quando se lhe atribue uma dimensão simbólica com a qual a crítica vê-se na contingência de dialogar. Apresentar o problema e discuti-lo é um modo de escapar da leitura repetitiva no estudo da obra castroalvina.

Palavras-chave: Literatura Brasileira – Crítica – Castro Alves.

Em carta de 1871 a Eunápio Deiró, provavelmente enviada de Salvador, no segundo trimestre desse ano, Castro Alves, já impossibilitado de sair, como assinala Eugênio Gomes, compara os críticos a uma irmandade que, voltada para si mesma, não cria, não faz verso nem prosa e conclui acerca desses leitores especializados da Bahia:

Mas aqui, bem o sabe, o público não é mar, é poço, não se mata por tempestade, é por estagnação, e o escritor parece menos com o rei que atirava a jóia ao pélago... do que ao criado dos mosqueteiros que se divertia em cuspir no Sena. Aqui ninguém pensa em voz alta (ALVES, 1986, p. 770).

No século seguinte, outros irão perpetrar comentários similares, direcionadas a obra do escritor baiano. Contudo não se pode dizer que a crítica sobre a poesia de Castro Alves seja parecida com a água de poço. A sua leitura permite detectar uma turbulência interior que não se vê na superfície. O risco de estagnação, porém, existe, caso o olhar contemporâneo sobre ela assuma a postura displicente do criado dos mosqueteiros. Um olhar panorâmico para os volumosos textos sobre a obra castroalvina permite verificar que as mesmas avaliações são repetidas em dois extremos. Esta repetição do mesmo, aliás, é um dos problemas acusados na crítica à obra do escritor baiano e um dos propulsores de uma agitação sob a aparente calma.

Algumas obras da historiografia literária brasileira, muitas das quais em constantes reedições, referem-se à bibliografia sobre Castro Alves como problemática. E os problemas podem ser um antídoto à estagnação. Entretanto os críticos de orientações teóricas diversas, que apontam

a existência de um problema na recepção crítica ao poeta, geralmente fazem tal registro em notas bibliográficas ou perifericamente. Uma exceção digna de nota deve ser feita a Mário de Andrade. Ele é o primeiro a destacar um aspecto do problema como introdução ao seu estudo sobre o escritor, num diálogo nada cordial com outros leitores do baiano. Quem se aventura no estudo do escritor baiano pode se afundar no poço da repetição. A explicitação da questão é uma tentativa de escapar de manter-se à tona e em outro rumo.

No artigo “Castro Alves” (1939)¹, o escritor paulista propõe fazer uma “revisão de Castro Alves em face dos ideais e tendências” da época e aponta o lugar a partir do qual emitirá o seu parecer. Ele comenta a existência de uma dificuldade nessa tarefa, a qual é formulada de modo bastante irônico: porque poderia atrair “a cólera e os insultos dos ‘donos’ de Castro Alves” (ANDRADE, 1974, p. 109). O modernista assim se pronuncia:

Os donos dos assuntos, em países de poucas ou medíocres letras como o Brasil, são personagens inquietantes. Dá-se necessariamente, na solidão de idéias do deserto, uma posse mútua entre tais donos e seus assuntos, de forma que não só são os donos que se apropriam dos seus assuntos, mas estes, misticamente, dos seus donos. O resultado é um compromisso bastante comovente e idílico do ponto-de-vista pastoril, mas deplorável na urbanidade natural da inteligência. Os donos se tornam verdadeiros escravos dos seus assuntos, se acham na obrigação, não sei se moral ou exclusivamente idílica, de serem fiéis aos julgamentos já pronunciados, acreditam que o contradizer-se é defeito e não há como lhes arrancar mais nenhuma luz (ANDRADE, 1974, p. 109-110).

O autor de *O empalhador de passarinhos* aponta dois aspectos do problema no âmbito da crítica literária até àquela altura, embora não os desenvolva: a existência de uma exclusividade na leitura de Castro Alves e a ratificação reiterada das mesmas avaliações. Aponta ainda a existência de uma, pode-se dizer, relação apaixonada dos críticos com o seu assunto.

Opinião semelhante expressa Jamil Almansur Haddad, no volume 1, da sua *Revisão de Castro Alves* (1953), obra constituída de três volumes. Para o crítico, há um atraso no ensaísmo brasileiro, do qual a bibliografia do poeta de *Espumas flutuantes* é um documento. Haddad, retomando Mário de Andrade, explicita que ainda há muito a dizer sobre o baiano e que grande parte daqueles donos do assunto Castro Alves “tratou mal quando não calamitosamente de seu tema de preferência”. Esses donos seriam os críticos e os biógrafos do poeta, os quais, seriam “geralmente sacerdotes oficiando no templo da glória do biografado”, portanto, não estudiosos e

¹ Este artigo foi originalmente publicado na *Revista do Brasil* (3ª fase, ano II, número 8, março de 1939) e posteriormente publicado no famoso *Aspectos da literatura brasileira*, 1ª edição de 1943.

sim seguidores do poeta. Decorreria daí uma abordagem afetiva e passional de Castro Alves. Para Haddad, os textos são, muitas vezes, pretexto para um exercício retórico. Entretanto, o estudo de Haddad aponta um aspecto novo: a transformação do poeta em estátua, para ele, sinônimo de mito. Desmitificá-lo, aliás, é o objetivo do estudo, que, porém, alimenta o processo de transformação do escritor em monumento ao afirmar que Castro Alves é o espelho da nação brasileira, não porque fosse único, como apontaram os críticos que lhe foram anteriores, mas por ser diverso como diversa seria a nação. Assim, Haddad apenas re-interpreta, re-significa Castro Alves de acordo com uma concepção de nação diferente da que sustentara a compreensão da obra castroalvina.

Fausto Cunha, em *A literatura no Brasil* (1955), ao apresentar a bibliografia de Castro Alves, aponta elementos para a busca da origem e permanência do problema. O crítico propõe, em nota de rodapé, que a questão Castro Alves se constitui porque, apesar dele ser “considerado como Poeta da Raça, pela notável congenialidade com o gosto poético do povo brasileiro, que lhe dá a sua preferência”, a apreciação crítica do poeta teria, até então, oscilado entre a exaltação e a negação, devido aos procedimentos adotados que extrapolariam o âmbito da análise e interpretação da obra, uma vez que estariam atraídos “pelo aspecto biográfico, pela sua ideologia, pelo papel que desempenhou como poeta, máxime na propaganda abolicionista” (CUNHA, 1986, p. 208). Essa oscilação, segundo o crítico, mostrar-se-ia, à época em que escreve seu estudo, superada, “em proveito da análise e interpretação” (CUNHA, 1986, p. 209). E conclui, ainda em nota de rodapé:

Alguns estudos dedicados à sua obra ultimamente revelam preocupação mais crítica, indicando os rumos que deverão seguir-se em relação a uma poesia rica de sentido, e sobretudo extraordinariamente brasileira, pela sensibilidade, pela linguagem, pelo colorido, pela pujança, pelos ideais, pela correspondência com a Natureza (CUNHA, 1986, p. 209).

Para Fausto Cunha, portanto, o problema da bibliografia de Castro Alves constitui uma questão de falta do exercício metódico inerente à crítica, uma vez que aqueles que opinam se debruçariam sobre o papel social do poeta e não sobre os aspectos inerentes à obra literária, os quais seriam os passíveis de análise e interpretação, porque objeto da crítica.

Pode-se inferir ainda do comentário de Fausto Cunha que apenas uma parte da crítica, a que exalta Castro Alves, concordaria com a preferência popular. Porém, não se explicita quem considera o autor de *A Cachoeira de Paulo Afonso* o *Poeta da Raça*. Não seria incoerente supor que tal opinião dever-se-ia àqueles que exaltavam o poeta baiano. Mas não somente a esses.

Fausto Cunha, por deixar indefinido o sujeito, abre uma perspectiva de análise relativa aos valores representados por Castro Alves. Para o crítico, entretanto, esses valores extrapolariam o âmbito da crítica, por isso não os explora.

Antonio Candido, em nota bibliográfica ao capítulo dedicado a Castro Alves, em *Formação da literatura brasileira* (1959), especifica o problema do ponto de vista crítico ao afirmar que os “artigos e ensaios sobre CA têm geralmente em comum três elementos que, tornados critérios únicos acabam por transformar-se em graves defeitos críticos: o invariável tom de exaltação; a romantização da biografia; e o tratamento retórico do seu liberalismo” (CANDIDO, 1981, p. 420). Desse modo, para o estudioso, não se trata de acriticidade, como afirmara Fausto Cunha, mas problemas do método, em que o tratamento dos aspectos externos, ou melhor, ideológicos intervenientes, não são condenados por si mesmos.

A indicação de Castro Alves como um problema crítico mantém-se na década de 1970, conforme salienta Telênia Hill:

Acusada e louvada a obra de Castro Alves tem sofrido a conseqüência de grande equívoco. Em realidade, boa parte dos estudos realizados constitui-se como leitura em que a decodificação se opera apenas ao nível do explícito. Dessa forma, Castro Alves se afigura como o “retórico” ou a “palavra inflamada” do romantismo. Para que se possa aquilatar o valor da obra castroalvina, é mister que se proceda a um tipo de leitura que atinja o cerne da exteriorização lingüística, e busque o sentido aproximado da força instauradora da obra (HILL, 1986, p. 37).

Telênia Hill retoma aspectos formulados por Fausto Cunha e Antonio Candido e propõe um outro procedimento analítico a fim de resolver o problema e melhor definir a qualidade e permanência da obra castroalvina. Note-se que a escritora questiona as avaliações de aspectos estéticos e lingüísticos, mas propõe analisar noutra direção que resgate a força existente na obra do poeta baiano.

A opinião de Alfredo Bosi, em *Dialética da colonização* (1992), segue na direção indicada por Telênia Hill: “Em alguns casos uma só decodificação sempre reiterada, deixa na sombra a verdade de outras conotações igualmente válidas e capazes de dialetizar o sentido uniforme que o consenso estabeleceu” (BOSI, 1993, p. 249).

A explicitação de Castro Alves como um problema na literatura brasileira permanece, não obstante a conotação diversa do problema, do final da década de 30 aos anos 90 do século XX. O problema pode ser assim configurado: Uma primeira ordem de avaliações aponta a existência dos donos do assunto Castro Alves. Nesse período, a crítica é exercida por orientação biográfica ou

psicológica associada às questões raciais ou de modo impressionista por eruditos ou por escritores que propugnam uma nova poética, como é o caso de Mário de Andrade. Em relação ao poeta baiano, assume ainda uma dimensão sagrada que, deve-se afirmar, inicia-se praticamente desde sua morte por parentes e amigos na Bahia, e pelos poderes públicos, que transformam o poeta em estátua-mito. Um segundo conjunto, embora não deixe de estar influenciado por essa dimensão, a qual se pode chamar de simbólica, aponta uma direção diferente para o problema: este seria de ordem metodológica, principalmente a partir da década de 50, quando há uma profissionalização da crítica e seu exercício situa-se no âmbito universitário.

As interpretações positivas e negativas que se repetem e tentam se impor como verdades definitivas, em momentos diferentes da história da literatura brasileira, configuram-se como problema a partir de determinado momento. Interpretações diametralmente diferentes, incompreensões para com obras literárias ocorrem e ocorreram com outros escritores brasileiros, entretanto, nem sempre essas oscilações apresentam-se como questões. O caso Castro Alves aparece como tal, pode-se defender, pela dimensão simbólica que lhe foi atribuída em determinados momentos, por determinados grupos e por razões particulares.

Essa dimensão simbólica é percebida por Jamil Almansur Haddad que dedica três volumes a revisar a imagem castroalvina esta associada à imagem do brasileiro. Assim, revisar a imagem do poeta implicava apresentar uma concepção nova de brasileiro, não mais na ótica racista, mas na perspectiva do “popular”, no sentido da variedade cultural. Para isso, aponta que Castro Alves bebeu em fontes diversas: das populares às eruditas, invertendo a imagem aristocrática até então delineada do poeta.

Alcides Villaça conclui o estudo da poesia abolicionista de Castro Alves, “O nosso poeta dos escravos”, publicado em *Os pobres na literatura brasileira* (1983), livro organizado por Roberto Schwarz, remetendo a dimensão simbólica de CA para o âmbito dos valores, a ideologia que a obra configura. Diz o crítico: “Castro Alves será sempre o ‘nosso poeta dos escravos’, título em si mesmo problemático, mas que confirma a dimensão simbólica por vezes dada aos artistas representativos de **valores**² culturais” (VILLAÇA, 1983, p. 45). O título atribuído ao escritor e, por conseguinte, a sua dimensão simbólica é decorrente da sua obra.

É interessante verificar a problemática da identidade de CA, porém de um ângulo diferente do abordado por Alcides Villaça, para quem o título em si é problemático, porque na poesia

² Destaque do autor.

abolicionista de Castro Alves há a mesma contradição ideológica presente na cultura brasileira do século XIX: retórica liberal e sociedade escravista, conforme formulação de Roberto Schwarz no clássico “As idéias fora do lugar”. As idéias liberais, correspondentes a instauração da ordem burguesa européia, baseadas no princípio da liberdade e da igualdade, vigoraram, de modo enviesado e descentralizado, no Brasil escravista antes das forças sócio-econômicas que as originaram, servindo de explicação e justificativa para a manutenção de privilégios e distinções sociais. Assim, na poesia de Castro Alves haveria o romantismo á moda de Victor Hugo, que estilizaria o escravo, através de uma retórica sentimental e dramática, consideradas ornamentais, que não suspenderiam “as interpretações dadas pela ideologia e os cânones imediatamente oferecidos pela convenção estética” (VILLAÇA, 1983, p. 44). O título, poeta dos escravos, não explicitaria a contradição da poesia abolicionista castroalvina, seu enviesamento, seria, portanto, ambíguo, mas aceitável, porque em última instância confirmaria a tese de que o artista Castro Alves representa valores sociais. O estudioso opera com o título que foi dado ao poeta, não obstante a sua fragilidade.

No entanto, o título confirma a dimensão simbólica porque é uma construção produzida na articulação entre o plano da obra e o plano cultural em que surgem tanto a obra quanto o título. Assim, o título é problemático porque se apresenta como autêntico e definitivo e aparece como categoria para articular Castro Alves em contextos não literários, em outros âmbitos da cultura e da sociedade.

Castro Alves já foi denominado o “poeta da liberdade” (AMADO, 1987, p. 15); o “Poeta da Raça”, como referido por Jamil Almansur Haddad e outros, “o nosso poeta dos escravos” , imagem esta que também seria a da história da literatura brasileira, para Marisa Lajolo e Samira Campedelli (1988, p. 15). Há assim, denominações diferentes do poeta, em momentos diferentes, produzidas por grupos diferentes. Fundamentadas na obra do baiano, elas formulam imagens construídas através de homenagens póstumas, textos de cunho crítico ou louvatório, fotografias e biografias. O problema se apresenta não só como a definição de quem foi o poeta Castro Alves, mas a sua representação no âmbito mais amplo da cultura.

Na historiografia literária brasileira, por exemplo, não há apenas o Castro Alves poeta dos escravos, como postulado por Lajolo e Campedelli. Em texto posterior, a própria Marisa Lajolo, ao discutir o estatuto teórico e as funções da história da literatura brasileira, mostrará que esta e também o seu *cânon* literário, no qual se insere Castro Alves, modificam-se à medida em que se

alteram as categorias que a constituem: a concepção de literatura, de história da literatura e da idéia de Brasil, entendendo que estas categorias articulam-se com definições de outras categorias, de dentro e de fora do sistema literário, como o nacional e o regional, por exemplo” (LAJOLO, 1995, p. 31).

Assim, para se estudar a obra de Castro Alves é preciso considerar essa dimensão simbólica, pressupondo-se que os termos ou títulos dados ao poeta são fruto de uma construção que é válida no contexto e no grupo em que se originou, mudam de sentido quando um dos elementos desse contexto altera-se. Ressaltar essa dimensão é um modo de escapar da morte por estagnação na abordagem da obra castroalvina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVES, Castro. *Obra completa*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

AMADO, Jorge. A.B.C. de Castro Alves. 35ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.

ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. 5ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1974.

BOSI, Afredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Vol. 2. 6ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

CUNHA, Fausto. “Castro Alves”. In: COUTINHO, Afrânio (dir.). *A literatura no Brasil*. 3ª ed., revista e atualizada. Rio de Janeiro: José Olympio Ed; Niterói: UFF (EDUFF), 1986. p. 199-230.

HADDAD, Janil Almansur. *Revisão de Castro Alves*. Vol. 1. São Paulo: Saraiva, 1953. (Col. Cruzeiro do Sul).

HILL, Telênia. *Castro Alves e o poema lírico*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.

LAJOLO, Marisa e CAMPEDELLI, Samira. *Literatura Comentada: Castro Alves*. 2ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

LAJOLO, Marisa. “Literatura e história da literatura: senhoras muito intrigantes”. In: MALLARD, Letícia et al. *História da Literatura: ensaios*. 2ª ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1995. p. 19-36.

VILLAÇA, Alcides. “O nosso poeta dos escravos”. In: SCHWARZ, Roberto (org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 40-45.

¹ Valeria Lessa MOTA, Mestre em Literatura e Diversidade Cultural
(UEFS, Departamento de Letras e Artes)
valeria.lessa.mota@hotmail.com